

**A EXPERIÊNCIA DE MONITORIA DO GRUPO DE ESTUDOS DE
ANTROPOLOGIA
NO CURSO DE GEOGRAFIA - UEMS JARDIM**

Adriana Pinheiro Barbosa adryabarbosa111@hotmail.com Discente do Curso de Licenciatura em Geografia UEMS Jardim

Sandra Cristina De Souza Sandracristina@uems.br Docente do curso de licenciatura de Geografia UEMS Jardim Professora Orientadora

RESUMO

O trabalho apresentará as atividades desenvolvida pela monitoria do Grupo de Estudos de Antropologia realizado na UEMS-Jardim. Este grupo de estudos visa contribuir para a melhoria do desempenho acadêmico no processo de ensino-aprendizagem, buscando aprofundamento das reflexões sobre as questões étnicas e de gênero através de atividades leitura de textos, exibição de filmes e vídeos sobre a temática, e debate em grupo sobre os textos e filmes. Visitas técnicas serão realizadas em aldeias indígenas e comunidades quilombolas e museus da região com a finalidade de proporcionar aos participantes envolvimento e reflexão sobre a diversidade étnica.

Palavras Chaves: Índios, Negros, Grupo de Estudos, Racismo, Antropologia, Gênero

INTRODUÇÃO

O Grupo de Estudos de Antropologia visa contribuir para a melhoria do desempenho acadêmico no processo de ensino-aprendizagem, já que nos cursos de graduação da UEMS não consta essa disciplina, importante para a formação de qualquer categoria profissional, haja vista a diversidade étnica em nosso estado. A maioria das instituições superiores de ensino conta em seu quadro de disciplinas com Antropologia considerando a questão acima exposta. Proporcionaremos aos participantes do grupo de atividades aprofundamento na disciplina objeto de monitoria, através de pesquisas, revisão de textos, resenhas bibliografias entre outros.

MATERIAL E MÉTODO

O grupo de estudos terá como atividades leitura de textos, exibição de filmes e vídeos sobre a temática, e debate em grupo sobre os textos e filmes. Dentro do grupo de estudos se faz presente a necessidade de leitura de textos que é de suma importância para o crescimento intelectual do acadêmico. É possível citar Maria Luiza Tucci Carneiro com o livro “O racismo na História do Brasil: Mito e realidade”. Onde a autora

trata do racismo no Brasil, país este que sempre procurou sustentar a imagem de um país cordial, sem preconceito.

Além disso serão realizadas atividades de campo (visitas técnicas) que se constituirão entre visitas a comunidade indígena e quilombolas do estado, além de visitas a museus e de centro de pesquisas que abordam temáticas existentes no estado.

RESULTADOS/DISCUSSÃO:

No grupo têm sido realizadas discussões voltadas ao racismo, discussões essa que tem dado bom resultado, pois os participantes têm colocado suas opiniões e experiências sobre o assunto.

No grupo ainda se faz muitas discussões com texto de vários autores buscando reflexão em torno de alguns conceitos fundamentais das ciências humanas, para a renovação das quais o contributo do autor foi sem dúvida um dos mais importantes.

A autora Lilia Moritz Szwarcz no livro *O Espetáculo das Raças* que é dividido em seis capítulos discute no segundo capítulo a trajetória das teorias raciais, e como elas se envolveram com diversos pensamentos desde o século XVIII até o final do século XIX.

A partir da década de 1870, ganha força no Brasil novas idéias européias, baseadas no positivismo, evolucionismo, e darwinismo. Além disso, teorias raciais – que dialogam principalmente com autores franceses do século XVIII. Estas idéias raciais mantêm um diálogo constante com a idéia de ‘civilização’. A descoberta do Novo Mundo traz uma idéia de primitivismo. Rousseau, ao utilizar-se do conceito de ‘perfectibilidade’ refere-se ao indivíduo. A perfectibilidade para Rousseau, não leva necessariamente à civilização. O pensamento social evolucionista e darwinista, que analisa o coletivo como um todo, e não os indivíduos. Por isso a ‘perfectibilidade’ de Rousseau passa a ganhar um sentido social, e que logo será associado também ao conceito de ‘raça’. A importância dos autores do século XVIII se deve principalmente à suas reflexões sobre os nativos americanos. Suas diferenças culturais são cada vez mais associadas a uma espécie de essência, ganhando força, portanto, o conceito de raça, e a idéia de um determinismo social.

As populações indígenas são vistas pela sociedade brasileira ora de forma preconceituosa, ora de forma idealizada. Travam uma luta pela posse de terra, onde a

incidência de doenças nas aldeias, a violência e o preconceito são alguns dos problemas que enfrentam as diversas tribos brasileiras. Eles são vistos como um povo preguiçoso, que só querem roubar a terra dos outros. A Constituição de 1988 garante direitos aos indígenas a seus territórios tradicionais, e durante as discussões procuram refletir sobre isso. Os índios são considerados a partir de um conjunto de imagens e crenças amplamente disseminadas pelo senso comum: eles são os donos da terra e seus primeiros habitantes, aqueles que sabem conviver com a natureza sem depredá-la. São também vistos como parte do passado.

O Brasil ignora a imensa sócio-diversidade de povos indígenas, a maioria não sabe ao certo qual a quantidade de povos existentes.

CONCLUSÕES

O brasileiro tem de valorizar e acreditar em suas virtudes, para que um dia este país tenha condições de lutar com igualdade pelos seus direitos e por todos nós, além de almejar um posto de destaque no cenário mundial. Caso contrário, seremos sempre o país do futebol, do melhor corredor de automobilismo, da melhor ginasta, do melhor carnaval.

O intuito do grupo é passar para os acadêmicos a verdadeira realidade da cada etnia em que vive, mostrando assim dados que comprovam que o Brasil em particular não é uma País de todos e sim daqueles que se dizem dominadores da sociedade.

REFÊRENCIAS

Levi-Strauss, C- Raça e História In: Antropologia Estrutural Dois, RJ Ed. Tempo Universitário, 1976

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças** – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.